

Universidade do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos

Fernanda Maliczewski

**O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2012

Fernanda Maliczewski

**O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Educação Especial e
Processos Inclusivos, do Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Mauren Lúcia Tezzari

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte desta caminhada, contribuindo de alguma forma na construção deste trabalho. Sou grata a todas e gostaria de agradecer citando aquelas que tiveram diretamente relacionadas a este trabalho.

A minha orientadora Mauren Lúcia Tezzari, agradeço imensamente pela dedicação na orientação deste estudo;

Agradeço a Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto Alegre e a professora participante desta pesquisa, a qual não seria possível sem a sua contribuição;

Aos professores do curso de Especialização em Educação e Processos Inclusivos da UFRGS pelas discussões proporcionadas e conhecimentos construídos;

Agradeço aos colegas do curso de especialização pelo carinho e apoio, que durante um ano e meio na busca de uma educação inclusiva, compartilhamos incertezas, esperanças e alegrias;

Agradeço a escola a qual trabalho, colegas e equipe diretiva pelo incentivo prestado, muitos foram os momentos de apoio e tranquilidade transmitidas;

Ao meu esposo Luciano Bitello Chaves pela sua compreensão nos meus momentos de ausência e por me escutar falar insistentemente sobre as Altas Habilidades/superdotação.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, está do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: 'Me ajuda a olhar!'. (GALEANO, 2002, p. 15).

RESUMO

A presente monografia procurou compreender como é realizado o trabalho de atendimento especializado a alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Para tanto, buscou-se conhecer a Sala de Integração e Recursos (SIR) para AH/SD, seu processo de implementação, os alunos atendidos e o trabalho desenvolvido. A pesquisa apresentada é de caráter qualitativo utilizando uma entrevista semi-estruturada, como fonte de coleta de dados. Na revisão de literatura foram utilizados autores de referência como Joseph Renzulli e Howard Gardner, bem como o material bibliográfico produzido pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) nos últimos anos. Desta forma, tornou-se importante compreender e analisar o processo utilizado desde a identificação das AH/SD, dos encaminhamentos, o trabalho de enriquecimento e os possíveis desdobramentos na vida destes alunos. A SIR AH/SD é um espaço de atendimento especializado que visa desenvolver de forma suplementar as potencialidades destes alunos na Rede Municipal de Ensino através de atividades extracurriculares e de pesquisa. Sendo assim, antes deste trabalho iniciar, o aluno é encaminhado pela escola e passa por um processo de identificação e avaliação de suas habilidades, aptidões e áreas de interesse. No entanto, existem muitas lacunas quando se pensa em um trabalho para alunos com AH/SD. Há falta tanto de qualificação profissional para a identificação destes alunos quanto de oferta de atendimento especializado, pois apenas uma sala de recursos para AH/SD não é suficiente para atender a demanda existente, na referida rede, sendo que esta população apresenta-se subestimada levando em consideração estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). Percebe-se ainda a importância de qualificar educadores para reconhecer e trabalhar em sala de aula com alunos com AH/SD. O que pode ser visto, por exemplo, pelo índice insignificante de atendimentos na SIR AH/SD de meninas ou pelo alto índice de crianças medicalizadas nas escolas, tratadas como hiperativas, refletindo no sentimento de baixa auto-estima frequentemente apresentado por muitos destes alunos.

Palavras Chaves: 1. Altas Habilidades/Superdotação 2. Educação Especial 3. Sala de Recursos.

Maliczewski, Fernanda. O atendimento educacional especializado para alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – Porto Alegre, 2012. Monografia. Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos – Universidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 METODOLOGIA.....	8
3 REVISÃO TEÓRICA	12
3.1 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	12
3.2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO ALGUNS CONCEITOS.....	13
3.3 INCIDÊNCIA POPULACIONAL.....	17
3.4 PRODÍGIO, CRIANÇA PRECOCE E GÊNIO.....	18
3.5 TEORIA DOS TRÊS ANÉIS.....	19
3.6 PROPOSTAS DE TRABALHO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	21
3.6.1 Portfólio Total do Talento.....	23
3.6.2 Técnicas de Modificação do Currículo (Enriquecimento Intracurricular)..	24
3.7 ENRIQUECIMENTO DO ENSINO/APRENDIZAGEM OU MODELO TRIÁDICO DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR.....	24
4 ATENDIMENTO A ALUNOS COM AH/SD NA REDE MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE	26
4.1 COMO COMEÇOU O ATENDIMENTO E A IMPLEMENTAÇÃO DA SIR AH/SD	28
4.2 QUEM SÃO OS ALUNOS.....	30
4.3 COMO É REALIZADO O TRABALHO NA SIR AH/SD.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia busca trazer informações sobre como é realizado o Atendimento Educacional Especializado em sala de recursos multifuncional para alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) na rede municipal de Porto Alegre.

Atuo como professora da rede municipal de ensino deste município e em minha prática conheci um aluno que apresentava características de AH/SD. Essa experiência me instigou a pesquisar e a querer conhecer como esta rede vem atendendo os alunos com essas características.

Nesta pesquisa procura-se conhecer quem é o aluno com altas habilidades/superdotação, sujeito da educação especial, que ainda é pouco conhecido no meio educacional e encoberto por ideias baseadas no senso comum. Aluno que, por não possuir um perfil único, é constantemente confundido com outros quadros como algum tipo de síndrome, déficit de atenção, hiperatividade ou ainda, dificuldades de aprendizagem.

Inicialmente são apresentadas as concepções de Altas Habilidades/Superdotação segundo os autores Howard Gardner, por meio da Teoria das Inteligências Múltiplas e Joseph Renzulli com o Modelo Triádico, que são os teóricos mais referenciados atualmente nas pesquisas sobre esta área. Em seguida, apresenta-se uma proposta de trabalho para alunos com AH/SD, adaptada no Brasil para o atendimento especializado ao aluno com AH/SD, conhecida como Modelo Triádico de Enriquecimento Escolar, idealizada e desenvolvida pelo teórico Joseph Renzulli.

No capítulo seguinte, apresenta-se a análise de alguns aspectos destacados da entrevista realizada com a professora da Sala de Integração e Recursos para Altas Habilidades/Superdotação da rede municipal de Porto Alegre.

Neste capítulo busca-se apresentar o perfil do profissional que atua nesta sala de recursos, seu processo de formação dentro da área das AH/SD, bem como o processo de implementação desta sala de atendimento educacional específica para AH/SD. Paralelamente, também procura-se conhecer quem são os alunos atendidos neste espaço, suas aptidões, principais preferências, sexo e idade. Além disso, há a intenção de verificar como é realizado o processo de encaminhamento e

identificação dos alunos para a referida sala, como vem sendo realizado o trabalho de atendimento especializado junto ao aluno e as orientações aos professores da escola.

No final, este trabalho propõe-se a refletir sobre as questões de atendimento ao aluno com AH/SD na rede municipal de Porto Alegre, suas conquistas e limitações com destaque para alguns aspectos como: a implantação de um espaço específico de atendimento especializado, a discussão sobre a identificação e encaminhamento deste aluno e, ainda, as limitações relativas à formação de professores, o que acaba por dificultar a visibilidade do aluno com AH/SD.

2 METODOLOGIA

A educação especial vem ganhando mais espaço nos projetos políticos dos municípios e estados principalmente a partir da elaboração da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, no ano de 2008.

A sala de recursos multifuncionais constitui-se em uma proposta do MEC que vem sendo implementada em muitas escolas públicas brasileiras e que busca atender os alunos sujeitos da educação especial. A sala de recursos tem sido o espaço priorizado para acontecer o atendimento educacional especializado e funciona como uma complementação ao ensino regular. O aluno que necessitar desse atendimento deverá frequentá-lo em turno inverso ao da sala de aula.

A rede municipal de ensino de Porto Alegre já possui há alguns anos este serviço denominado Sala de Integração e Recursos (SIR). Nesta sala, localizada inicialmente em escolas pólo e que gradativamente foi sendo implantada em todas as escolas de ensino fundamental da rede, ocorrem os atendimentos especializados junto aos alunos com deficiências, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades. O referido atendimento é realizado por educadores com formação em educação especial. Dentro de sua política de inclusão, a rede municipal de ensino de Porto Alegre implantou algumas SIRs com atendimento educacional especializado específico para: deficiência auditiva, deficiência visual e altas habilidades/superdotação.

A área das altas/habilidades superdotação é um campo relativamente novo e ainda pouco conhecido no Brasil. Por fazer parte da educação especial, entende-se que o aluno com AH/SD necessita participar dos processos inclusivos e receber atendimento especializado. Entretanto o que ocorre do ambiente escolar e no decorrer dos processos inclusivos da sociedade em geral é que o aluno que obtém mais visibilidade é aquele que apresenta deficiência. Além disso, existem vários mitos que permeiam as AH/SD como: são pessoas que aprendem sozinhas; têm um QI altíssimo; ou até mesmo que são raras e que dificilmente podem existir em meios sociais desfavorecidos economicamente.

Nesta pesquisa, busquei compreender por meio da literatura especializada o que são as AH/SD, quais são os tipos e quais as principais propostas de intervenção

para trabalhar com estes alunos. Na busca por compreender as altas habilidades/superdotação trago neste trabalho como referencial teórico Howard Gardner e Joseph Renzulli que desenvolveram pesquisas na área da inteligência, mostrando os diferentes tipos de inteligência e as principais características para a identificação desses sujeitos.

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. (Lüdke, André, 1986, p. 5).

Foram pesquisados modelos de atendimento a alunos com AH/SD e encontrado como principal teórico empregado no Brasil o norte-americano Joseph Renzulli, o qual desenvolveu um programa de enriquecimento para toda escola, assim denominado por ele e apresentado no capítulo seguinte.

Este modelo bastante democrático e de fácil adaptação, segundo as palavras do próprio autor Joseph Renzulli, depende em grande parte da participação do grupo de profissionais da escola para ser colocado em prática. Esta proposta de enriquecimento é apresentada nas publicações do Ministério da Educação do Brasil, de 2007 e abordam a construção de práticas educacionais para alunos com Altas habilidades/superdotação.

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa e a principal metodologia empregada foi a revisão de literatura, assim como a coleta de dados, realizada por meio de entrevista realizada com especialista da área.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (Lüdke, André, 1986, p. 13).

Neste tipo de pesquisa são utilizadas muitas citações de autores para reafirmar o que se diz sobre o objeto de pesquisa. A maior parte dos materiais utilizados para análise são descritivos como documentos, transcrições de entrevistas e relatos de situações. O produto não é tão importante quanto o processo para o pesquisador, ele não procura confirmar suas hipóteses pré-definidas durante a pesquisa e sim analisar e consolidar o conhecimento através dos dados obtidos.

A decisão sobre quais devam ser os focos específicos de investigação não é fácil. Ela se faz, sobretudo, através de um confronto entre o que pretende a pesquisa e as características particulares da situação estudada. (Lüdke, André, 1986, p. 46).

O meu objeto de estudo é compreender como está sendo realizado o trabalho com os alunos com AH/SD na sala de recursos da rede municipal de Porto Alegre. Nesse sentido, tornou-se importante obter informações acerca de como foi implementada a referida SIR de AH/SD, tanto quanto caracterizar o perfil do aluno atendido nesse serviço e os principais motivos que o levam até ele. Além disso, verificar as principais implicações deste trabalho no desenvolvimento escolar do aluno.

Era do meu conhecimento que a rede municipal de ensino de Porto Alegre dispunha de uma sala de recursos, na qual atua uma professora especializada no atendimento aos alunos com AH/SD. Porém, necessitava também compreender de maneira aprofundada o funcionamento deste trabalho na sala de recursos e o processo de identificação das AH/SD. Considerando a existência de muitas dúvidas, concluí pela necessidade de realizar uma entrevista semi-estruturada com a professora responsável pela sala em questão, que gentilmente colocou-se à disposição para colaborar com esta pesquisa.

Foi elaborado previamente um roteiro com questões que julguei importantes para de obter as informações necessárias para posterior análise.

A entrevista foi realizada na sala de recursos para AH/SD, localizada em uma escola municipal de Porto Alegre.

A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita.

Foram propostas as seguintes questões:

- 1- Você poderia falar um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional dentro da área das AH/SD?
- 2- Como foi o processo de implementação da SIR de AH/SD no município de Porto Alegre?
- 3- A legislação atual prevê que cada escola deverá ter uma sala de recursos multifuncional onde o aluno com AH/SD, como sujeito da educação especial, deverá também ser atendido. O município de Porto Alegre vem caminhando em outro sentido tendo uma sala de recursos específica para este atendimento. Como você vê isso?

- 4- Como são encaminhados os alunos e como é realizada a identificação?
- 5- Quem são os alunos atendidos? Sexo? Idade? (lembro que ano passado você se referiu que todos os seus alunos eram meninos).
- 6- Porque é tão difícil identificar e encaminhar meninas para uma avaliação de AH/SD?
- 7- Falando em identificação e pensando nas teorias de Renzuli e Gardner, quais são os tipos de AH/SD mais encontradas nos atendimentos aqui na SIR?
- 8- Como é realizado o atendimento na SIR? Você utiliza alguma linha teórica de atendimento a alunos com AH/SD?
- 9- Quando o aluno volta pra escola é realizado algum trabalho em conjunto com os professores, ou seja, eles realizam algum tipo de adaptação curricular?

A entrevista, por ter sido gravada, permitiu um interessante diálogo entre a professora e a pesquisadora, possibilitando algumas intervenções, quando necessário ou indicado, tornando-a mais flexível. O fato de haver um roteiro pré-determinado dá a possibilidade de pensar em outras questões que surgem através das respostas do entrevistado e poder voltar ao foco da pesquisa sempre que necessário.

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos tem seus destinos selado no momento em que saem da mão do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (Lüdke, André, 1986, p. 34).

No capítulo seguinte do presente estudo busco realizar a análise dos dados obtidos, por meio da proposta de algumas categorias para análise como: Como começou a SIR AH/SD? Quais são os alunos? Como é realizado o trabalho? Neste capítulo apresento os aspectos teóricos pesquisados em relação à temática da monografia.

3 REVISÃO TEÓRICA

3.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Em alguns períodos da história é possível visualizar a distinção realizada em relação às pessoas que apresentavam algum tipo de habilidade valorizada pelas sociedades de cada época. Na Esparta do século VI AC os meninos recebiam treinamento militar e os que apresentavam grande habilidade nesta área eram incentivados a desenvolver a arte da luta e da liderança militar.

Em Atenas, no século IV AC, os meninos das classes mais privilegiadas recebiam instrução em escolas privadas e os que se destacavam por sua inteligência e potencial físico eram escolhidos para a academia de Platão. Este local selecionava homens e mulheres, independente da condição social, a educação não era cobrada. (COLANGELO e DAVIS, 1991 *apud* PÉREZ, 2004).

No Renascimento europeu, as pessoas com habilidades criativas (arte, literatura, pintura e arquitetura) eram recompensadas pelos governantes com riquezas e honrarias. Foi o período das grandes navegações e descobertas científicas no mundo. Com o desenvolvimento do comércio e contato mercantil entre nações, os governantes europeus passaram a dar auxílio financeiro a artistas e intelectuais da época. No Renascimento, as qualidades mais valorizadas no ser humano eram a inteligência, o conhecimento e o dom artístico. Foi um período de grandes nomes que se destacaram dentro das suas respectivas especialidades como Michelangelo Buonarroti, Sandro Botticelli, Nicolau Copérnico e Leonardo Da Vinci. O Renascimento europeu foi um período de grandes revelações de pessoas com AH/SD.

No Brasil, a grande precursora na área das AH/SD foi a psicóloga e pesquisadora Helena Antipoff, que chegou ao Brasil em 1929 depois de estudar na França e Suíça e desenvolver pesquisas sobre inteligência. Em 1940 ela fundou a Escola Fazenda do Rosário na cidade de Ibirité em Minas Gerais com o objetivo de educar crianças abandonadas e com necessidades educativas especiais (dificuldades para aprender e deficiência mental). Liderou uma experiência com alunos do meio rural e da periferia urbana com AH/SD.

Segundo Helena Antipoff, o sistema educacional brasileiro perdia muitos alunos talentosos e que poderiam contribuir para a sociedade por falta de investimento e orientação. (PÉREZ, 2004; RANGNI e COSTA, 2011).

Em 1967, foi criada uma comissão pelo MEC para estabelecer critérios para identificar e atender alunos com AH/SD, mas só em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, bem como o movimento a favor da educação especial, é que se começa a discutir e a oficializar em documentos e legislações a educação do superdotado. (PÉREZ, 2004; RANGNI e COSTA, 2011)

O Rio Grande do Sul foi um dos primeiros estados a se preocupar com o atendimento educacional às pessoas com AH/SD, garantindo-o em sua constituição de 1989. No ano anterior, 1988, foi criada a Fundação de Atendimento ao Deficiente e o Superdotado no Rio Grande do Sul (FADERS).

3.2 ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO: ALGUNS CONCEITOS

Altas habilidades/superdotação (AH/SD) é o termo mais utilizado no Brasil para se referir a pessoas que apresentam algum tipo de inteligência em potencial.

É utilizada a sigla PAH (Pessoa com Altas Habilidades), embora a sigla comumente utilizada em documentos oficiais e na literatura em português seja PPAH (Pessoa Portadora de Altas Habilidades). Prefere-se usar a primeira, à falta de outro melhor, porque se entende, como Carvalho (2000) o faz, no caso da deficiência, que a expressão **peessoa portadora** destaca a pessoa que **carrega** (porta ou possui), neste caso, as Altas Habilidades/superdotação, tornando-a responsável solitária por sua condição e isentando a sociedade de sua responsabilidade de prever e prover seu atendimento integral. (PÉREZ, 2004,p.85)

Este nome muitas vezes aparece no senso comum carregado de mitos e pré-conceitos. A própria palavra superdotado, com o prefixo super, transmite a idéia de algo grandioso, dotado de alguma capacidade fora do comum. Isto faz com que muitas pessoas confundam AH/SD com genialidade, dificultando a identificação desses sujeitos.

“os termos pessoa com “altas habilidades” e “superdotado” são mais apropriados para designar aquela criança ou adolescente que

demonstra sinais ou indicações de habilidade superior em alguma área do conhecimento, quando comparado a seus pares. Não há necessidade de ser uma habilidade excepcional para que este aluno seja identificado.” (VIRGOLIM, 2007, p.27)

Entre os autores que têm estudado as altas habilidades/superdotação, Joseph Renzulli (1986) diferenciou dois tipos:

Acadêmico: aluno que se destaca nas disciplinas escolares, principalmente naquelas valorizadas pela escola tradicional: linguística e lógico-matemática. Seu desempenho escolar é acima da média e superior aos seus pares. É um tipo de aluno facilmente identificado através de testes psicométricos de inteligência (QI).

Produtivo criativo: este aluno se destaca por ter uma grande capacidade criativa, imaginativa e inventiva. Geralmente, apresenta originalidade na resolução de problemas e é questionador. Utiliza um pensamento divergente e possui muita dificuldade de adaptação na escola por não se adequar a rotinas, fato este que o faz apresentar baixo desempenho escolar e dificuldade em algumas áreas do conhecimento. Quando a atividade não lhe interessa costuma ser dispersivo e muitas vezes indisciplinado. Os testes de QI dificilmente conseguem identificar as AH/SD neste aluno, pois sua principal característica é o elevado nível de criatividade.

Certamente há alguns diferenciais dos alunos com AH/SD produtivo-criativos que não são interpretados ou são interpretados como negativos pelo professor da sala de aula regular. Enquanto o aluno com AH/SD acadêmico é identificado (positiva ou negativamente), merecendo estratégias pedagógicas diferenciadas (já que a omissão, o descaso e a rejeição, por exemplo, não deixam de ser estratégias pedagógicas) por parte da escola, o aluno com AH/SD produtivo-criativo, muitas vezes, sequer é identificado como tal, não raramente sendo '*diagnosticado*' como um aluno hiperativo, com déficit de atenção, com distúrbios de aprendizagem ou indisciplinado. (PÉREZ, 2004, p.95)

A definição brasileira atual considera como aluno com AH/SD aquele que apresenta elevado desempenho e/ou potencialidade em alguma destas áreas ou combinadas:

Capacidade Intelectual Geral - Envolve rapidez de pensamento, compreensão e memória elevadas, capacidade de pensamento abstrato, curiosidade intelectual e poder excepcional de observação;

Aptidão Acadêmica Específica – Envolve atenção, concentração, motivação por disciplinas acadêmicas de seu interesse, capacidade de produção acadêmica, alta pontuação em testes acadêmicos e desempenho excepcional na escola;

Pensamento Criativo ou Produtivo – Refere-se à originalidade de pensamento, imaginação, capacidade de resolver problemas de forma diferente e inovadora, capacidade de perceber um tópico de muitas formas diferentes;

Capacidade de Liderança – Refere-se à sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, capacidade de resolver situações sociais complexas, poder de persuasão e de influência no grupo, habilidade de desenvolver uma interação produtiva com os demais;

Talento Especial para Artes- Envolve alto desempenho em artes plásticas, musicais, dramáticas, literárias ou cênicas (por exemplo, facilidade para expressar idéias visualmente; sensibilidade ao ritmo musical; facilidade em usar gestos expressão facial para comunicar sentimentos);

Capacidade Psicomotora – Refere-se ao desempenho superior em esportes e atividades físicas, velocidade, agilidade, força, resistência, controle e coordenação motora fina e grossa. (VIRGOLIM, 2007, p.28).

Na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008):

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL,2008, P.9)

Os alunos com AH/SD avaliados por testes psicométricos, como os testes de QI, terão apenas mensuradas as capacidades linguísticas, espacial e lógico matemática, (AGAAHSD, 2000). A inteligência também não é algo linear, seu desenvolvimento se intensifica em determinados períodos da vida da pessoa. As relações emocionais e afetivas são também fatores que interferem no desenvolvimento da inteligência.

Há algumas características que podem ser observadas por pais e professores que convivem com a criança, a fim de levar a uma avaliação mais aprofundada por um profissional da área.

São muitos os fatores que podem ser considerados, não há um perfil único, é preciso levar em conta o meio sócio-cultural e as etapas do desenvolvimento da pessoa.

Há muitos estudos acerca da inteligência ao longo da história e estão muito ligados com AH/SD. Segundo Pérez (2004) há várias correntes de pensamento e autores que desenvolveram pesquisas para tentar explicar como o ser humano desenvolve a inteligência.

As teorias psicométricas, por exemplo, buscam medir a inteligência por meio de testes e muitas a consideram como inata ao ser humano.

A teoria piagetiana dá ênfase à gênese do desenvolvimento e classifica alguns estágios.

A teoria sócia cultural de Vygotsky, que dentro de diversas contribuições, atribui ao meio social um fator importante a ser considerado no desenvolvimento da inteligência.

Virgolim (2007) nos apresenta a teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, que também auxilia no entendimento das AH/SD por ampliar as possibilidades de inteligência, mostrando capacidades em diferentes áreas. O autor apresentou em sua teoria oito tipos de inteligência:

Linguística: Corresponde ao domínio da linguagem e a comunicação de idéias por meio de palavras. Apresenta-se no domínio oral e com capacidade em leitura e na escrita, estas duas últimas dependendo do desenvolvimento educacional dos sujeitos;

Lógico-matemática: capacidade em resolução de cálculos, problemas, classificação de objetos, ordenar e reordenar e uso de relações abstratas. Desta habilidade segue um domínio complexo que continua em uma crescente para construções mais abstratas.

Espacial: capacidade de percepção do mundo físico, informações visuais ou espaciais, mesmo na ausência de estímulos físicos. Capacidade de pensar de forma tridimensional;

Corpo-cinestésica: capacidade de controlar e trabalhar com os movimentos do próprio corpo ou parte dele na obtenção de um produto ou resultado como no caso dançarinos e atletas. Esta inteligência se vincula muito ao movimento das mãos como no caso de artesãos e operários que utilizam muito os movimentos manuais.

Musical: capacidade de perceber, discriminar, produzir ou comunicar-se através de significados compostos por sons. Esta inteligência pode estar relacionada a outras como a inteligência linguística e matemática;

Naturalista: capacidade de reconhecer e classificar os sistemas naturais ou os sistemas criados pelo homem;

Interpessoal: capacidade de compreender as outras pessoas e interagir com elas de forma efetiva. Exemplo de profissionais que possuem esta inteligência são professores, terapeutas e líderes políticos e religiosos;

Intrapessoal: capacidade de diferenciar os próprios sentimentos, intenções e motivações. É a inteligência do autoconhecimento.

Para Gardner, citado por Pérez e Freitas (2011), as inteligências não funcionam separadamente elas sofrem interferências uma das outras. Também não são estáticas, podendo ser desenvolvidas em várias fases da vida do sujeito em maior ou menor grau dependendo das condições culturais e ambientais.

A idéia de inteligência como potencial permite afirmar que: 1) as inteligências não são estáticas nem quantificáveis e 2) podem ser desenvolvidas em maior ou menor grau e têm origem genética, mas dependem, em grande medida, dos estímulos ambientais para desenvolver-se. As inteligências são relativamente independentes entre si, mas muitas vezes, operam concomitantemente. (PÉREZ, FREITAS, 2011, p.20)

3.3 INCIDÊNCIA POPULACIONAL

Estima-se que de 3 a 5% da população mundial possuam AH/SD, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), e este número considera apenas pessoas identificadas por meio de testes de QI com escore acima de 130 (RODRIGUES, 2009). Este número bastante significativo nos leva a pensar em quantos alunos estão “escondidos” ou classificados como bagunceiros, hiperativos ou com algum tipo de desvio de conduta dentro da escola. E, até mesmo, sendo medicados para poder adaptar-se ao sistema educacional que prioriza habilidades escolares de escrita, leitura e raciocínio lógico matemático. Assim como longos períodos sentados e em silêncio.

O sentimento de amor/ódio em relação às PAHs se vislumbra no Renascimento, quando os ‘*gênios*’ eram alvo dele e dos mitos que a sociedade criara para eles. Assim como quem apresenta uma ‘*deficiência*’ é alvo de pena e comiseração, quem manifesta uma

aparente *'vantagem'* é alvo de inveja e agressão. O primeiro é privado de manifestar suas potencialidades, em detrimento de sua *'desvantagem'*, enquanto que, ao segundo é negada a existência de suas reais potencialidades, adotando-se uma posição reducionista, de outorgar toda a ajuda *'àquele que não tem nada'*, considerando que *'aquele que tem, não necessita de nada'*. A PAH é encoberta por um manto de inverdades que ofusca sua visualização e, em consequência, seu atendimento, cuja necessidade, chega a ser até questionada. (PÉREZ, 2004, p. 68).

Um estudo de prevalência realizado na região metropolitana de Porto Alegre/RS pela Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades/Superdotação (AGAAHSD) no ano de 2001, determinou uma estimativa de 7,78% de pessoas com AH/SD.

3.4 PRODÍGIO, CRIANÇA PRECOCE E GÊNIO

Existe um grande senso comum a respeito das AH/SD, é habitual às pessoas imaginarem gênios, pessoas incomuns do tipo “devoradoras de livros”, com grandes aptidões matemáticas e com muita dificuldade de relacionamento. O cinema contribuiu para estas concepções com filmes como: “Gênio Indomável”, “Mentes que brilham”, “Uma mente brilhante”, “Amadeus”, entre outros. Estes filmes caracterizam pessoas com AH/SD como excelentes em várias áreas de conhecimento e que não necessitam esforçar-se para aprender algo novo.

Existe efetivamente diferença entre: gênio, criança precoce, criança prodígio e altas habilidades/superdotação. De acordo com Pérez (2004) esta confusão entre estes conceitos faz com que as pessoas pensem que as AH/SD sejam raras na população.

Segundo Pérez (2004), Criança Prodígio seria aquela que possui um desempenho extraordinário em uma habilidade, por exemplo, a pintura ou a música. Este desempenho ocorre na criança de forma precoce e elas são especialistas ao extremo em um determinado campo do conhecimento. Considera-se, como exemplo, de criança prodígio foi Wolfgang Amadeus Mozart que começou a desenvolver sua habilidade musical aos 3 anos.

“... o prodígio é relativamente raro e necessita da convergência de um número de circunstâncias únicas para permitir uma completa e

especializada expressão de um poderoso potencial.” (VIRGOLIM, 2007, P.24).

Já a criança precoce desenvolve algo muito cedo, por exemplo, a leitura ou a parte motora como caminhar. Geralmente, crianças superdotadas são precoces, mas a precocidade em uma determinada área não é garantia que a criança terá um desenvolvimento na área das AH/SD.

Um gênio seria aquela pessoa que tem um desenvolvimento bastante elevado em alguma área do saber e deixou uma contribuição para a sociedade em algum campo, por exemplo: Leonardo da Vinci, Pablo Picasso e Albert Einstein.

3.5 TEORIA DOS TRÊS ANÉIS

Joseph Renzulli também é autor da Teoria dos Três Anéis onde a intersecção de três agrupamentos de traços bem definidos, habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade, produz indicadores de superdotação. Este Modelo Triádico que Renzulli propõe pode ser entendido de forma compatível com a teoria das inteligências Múltiplas, onde é possível observar estes traços em qualquer um dos 8 tipos de inteligência propostas por Howard Gardner.

Modelo de Três Anéis:



Habilidade acima da média (geral ou específica) - Consiste na “capacidade em processar informações, integrar experiências que resultam em respostas

apropriadas e adaptativas a novas situações, e engajar-se no pensamento abstrato” (REZULLI; REIS, 1997 apud FREITAS; PÉREZ, 2010, p.16)

Envolvimento com a tarefa - O quanto o indivíduo é capaz de persistir na realização de algo. Habilidade em desenvolver um trabalho de forma autoconfiante e perseverante.

Criatividade - Caracteriza-se por originalidade e flexibilidade no pensamento, alto nível de fluência de ideias, curiosidade, senso estético, sensibilidade para detalhes, ações e produtos próprios. (Freitas; Pérez, 2010)

Neste Modelo dos Três Anéis de Renzulli há algumas considerações a serem observadas. O aluno, para ser considerado superdotado, não precisa apresentar estes três traços na mesma proporção, tão pouco há prevalência de importância entre eles. O aluno pode apresentar um comportamento de superdotação com apenas um dos três traços presentes e desenvolver os outros dois depois. A criatividade e o comprometimento com a tarefa são características variáveis que dependem do indivíduo e, muitas vezes, de fatores externos.

Sabemos que, além dos fatores genéticos, a superdotação é influenciada também por fatores do indivíduo (como auto-estima elevada, coragem, persistência, energia, alta motivação) e por fatores ambientais (oportunidades variadas, personalidade e nível educacional dos pais, estimulação dos interesses infantis, entre outros). Sendo assim, conforme acredita Renzulli, a superdotação emerge ou “se esvai” em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias da vida de uma pessoa. Assim sendo, os comportamentos de superdotação podem ser exibidos em certas crianças (mas não em todas elas) em alguns momentos (não em todos os momentos) e sob certas circunstâncias (e não em todas as circunstâncias de sua vida) (Renzulli, 1985; Renzulli e Reis, 1997a; Renzulli, Reis e Smith, 1981). Esta posição é bastante polêmica, pois vai contra a tradicional postura de se compreender a inteligência como um traço imutável e único, e que se traduz no mito de “uma vez superdotado, sempre superdotado”. (VIRGOLIM, 2007, p.38)

A crença de que a inteligência é algo linear, imutável e única ao longo da vida de uma pessoa é ainda muito comum em nossa sociedade. A cultura e as relações sociais em que o sujeito está inserido são fatores a serem considerados no desenvolvimento da sua inteligência. De acordo com a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli o comportamento de superdotação pode manifestar-se ou não, dependendo muito das circunstâncias de vida do sujeito. Um exemplo disso pode

ser um músico que tenha uma grande habilidade com um instrumento e capacidade de criar de forma original, mas não tem motivação, tão pouco, envolvimento com tal tarefa e, desta forma, não demonstra um comportamento considerado de superdotação, sendo possível, porém que um dia possa apresentar.

3.6 PROPOSTAS DE TRABALHO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Joseph S. Renzulli desenvolveu o Modelo de Enriquecimento Escolar a fim de identificar e desenvolver o potencial de alunos com AH/SD. Este modelo é utilizado como referência e adaptado em alguns programas de atendimento especializado no Brasil.

O enriquecimento curricular é uma prática pedagógica reconhecida na legislação brasileira (Parecer número 17 do conselho Nacional de Educação, 2001) e tem se efetivado em atendimentos de alunos com AH/SD em centros ou sala de recursos multifuncionais.

O diferencial que apresenta a aplicação do enriquecimento intra e extracurricular para todos os alunos constitui o grande ganho quando o focalizamos sob os óculos da educação inclusiva, especialmente para superar as dificuldades constatadas ao propor o atendimento educacional especializado aos alunos com AH/SD, que são produto da representação cultural preconceituosa da Pessoa com AH/SD. (FREITAS; PÉREZ, 2010, P. 78)

Apesar de existir na legislação a garantia do atendimento aos alunos com AH/SD, os obstáculos são imensos, a começar pela identificação. Exige, em um primeiro momento, conhecimento dos professores e encaminhamento para avaliação, a ser realizada por um profissional especializado em educação especial. Em seguida, acontece um processo avaliativo que dura cerca de seis meses, para enfim, iniciar um atendimento suplementar na sala de recursos.

Parece que uma vez identificado, esse aluno é encaminhado ao AEE e “esquecido novamente”, como se o atendimento proporcionado, algumas vezes por semana, “normalizasse” esse aluno, retirando dele suas necessidades educacionais especiais. No entanto a pessoa com AH/SD continua com as mesmas características nos demais dias da semana e em outros ambientes, embora não em todas as áreas, e não raramente poderá apresentar

também dificuldades em outras áreas. (FREITAS; PÉREZ, 2010, P. 49)

O Ministério da Educação vem ampliando o Atendimento Educacional Especializado e a forma priorizada são as salas de recursos multifuncionais nas escolas públicas brasileiras. Estas salas visam atender alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades, buscando desenvolver seu potencial de acordo com suas especificidades e trabalhando de forma complementar ou suplementar como no caso das AH/SD.

Apesar de o aluno com AH/SD ter um trabalho totalmente diferente dos demais, conforme a proposta do MEC, ele deve ser atendido na mesma sala de alunos com deficiências.

Na realidade das escolas brasileiras observamos é a escassez de práticas voltadas ao atendimento a alunos com AH/SD. Geralmente é negligenciado o olhar atento e, em consequência, o atendimento a este tipo de aluno. E por vez, quando ele consegue o atendimento, existe uma distância entre a prática do professor da escola e a prática do professor da sala de recursos multifuncional. A sala de aula, como local de construção de aprendizagens, necessita ser um espaço desafiador e estimulante para o aluno com AH/SD. Estes alunos perdem o interesse muito rápido quando são expostos a atividades repetitivas, rotineiras e sem desafios. Um modelo de atendimento a alunos com AH/SD, para ser completo, precisa do envolvimento da família, da comunidade, dos professores e do professor da sala de recursos.

O Schoolwide Enrichment Model (SEM - Modelo de Enriquecimento Escolar) é um projeto de atendimento para alunos com AH/SD. Ele foi construído para o sistema educacional norte-americano a fim de romper com a seleção de alunos por meio de testes padronizados de ensino, promovendo um programa capaz de abranger um número maior de alunos, inclusive aqueles cujos testes não seriam capazes de identificar. Este modelo objetiva promover uma aprendizagem prazerosa, desafiadora e com qualidade.

O SEM é um projeto elaborado para melhorar toda a escola, suficientemente flexível como para que cada uma delas desenvolva seu próprio programa, que será único, visto que baseado nos seus próprios recursos, alunos, dinâmica administrativa, nos pontos fortes

de seus docentes e na criatividade. (RENZULLI; REIS, 1997 apud FREITAS; PÉREZ, 2010, P. 56).

Os componentes do atendimento do SEM são: *portfólio total do talento*, *técnicas de modificação do currículo* e o *enriquecimento do ensino/aprendizagem ou modelo triádico de enriquecimento*. (PÉREZ, 2010).

Vale ressaltar que a proposta explicitada no “modelo de Enriquecimento Escolar” é bastante flexível, o que viabiliza a sua adaptação a qualquer realidade escolar e sua aplicação em qualquer série ou modalidade de ensino, independente do contexto social. É possível que cada escola encontre a sua maneira de aplicar os pressupostos do modelo, acoplando-os ao que já vem sendo realizado por sua equipe, adotando-os e inserindo-os no planejamento pedagógico da escola, ou ainda, reformulando suas estratégias, no sentido de se ajustarem à realidade de seus alunos e professores. Enfim, não se trata de um pacote instrucional pronto e fechado, mas sim um plano de organização a ser adaptado conforme as necessidades do professor e do aluno e as características do ambiente escolar. O importante é que toda iniciativa nessa direção seja encorajada, todos os recursos humanos e materiais sejam passíveis de captação e todo potencial criativo seja utilizado na busca de soluções de problemas que surgirem ao longo do processo de implementação do modelo. (CHAGAS, MAIA-PINTO, PEREIRA, 2007, P. 57).

3.6.1 Portfólio Total do Talento

O portfólio total do talento consiste em coletar e reunir dados acerca do aluno, a fim de potencializar suas aprendizagens. Este portfólio deverá ser construído de forma colaborativa pelo aluno, com professores e com familiares. Nele poderão constar as habilidades do aluno, pontos fortes, características, preferências por áreas de conhecimento, habilidades sociais e pessoais, estilos de expressão e pensamento, estilos de aprendizagem, desafios pessoais a serem superados e necessidades específicas. Conhecendo o portfólio do aluno o professor poderá conduzir seu trabalho de forma a contemplar suas especificidades.

3.6.2 Técnicas de Modificação do Currículo (Enriquecimento Intracurricular)

Segundo Renzulli e Reis 1997, *apud* Pérez 2010, o enriquecimento intracurricular tem como principal objetivo ajustar os níveis de conhecimento exigido para que todos os alunos sejam desafiados, através de experiências de aprendizagens aprofundadas.

Compactação curricular- É uma forma de eliminar conteúdos ou exercícios repetitivos de fixação quando o aluno já domina o conteúdo, e oferecer tempo para atividades de enriquecimento como pesquisa individual ou em grupos ou propondo desafios de aprendizagem. A compactação curricular busca aproveitar o máximo possível o tempo do aluno na escola de forma a propor atividades de aceleração de conteúdos quando contemplado o currículo básico.

Análise e eliminação de conteúdos repetitivos dos livros didáticos- Consiste em modificar as técnicas de apresentação e estudos de algum conteúdo do livro didático ou quando o aluno já domina o conteúdo ele pode ter a opção de partir para outra unidade, evitando assim, exercícios repetitivos.

Introdução de conteúdos mais aprofundados no programa- São experiências mais aprofundadas sobre algum conteúdo específico. Podem ser discussões em sala de aula, visitas a museus ou laboratórios, pesquisas mais aprofundadas, etc.

3.7 ENRIQUECIMENTO DO ENSINO/APRENDIZAGEM OU MODELO TRIÁDICO DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

Renzulli (2004), concebe o modelo triádico de enriquecimento curricular como tendo 3 tipos que descreverei resumidamente.

As atividades de enriquecimento do **tipo I** são experiências e atividades de exploração de um determinado assunto. Estas atividades devem ser planejadas e devem partir do interesse do aluno, mesmo sendo de apenas um, e devem instigar a curiosidade, despertar o interesse para novos conhecimentos e aprofundar assuntos. Representam O QUÊ. Exemplos de atividades do tipo I: filmes, oficinas, palestras, visitas a museus, exposições, passeios, minicursos, etc.

As atividades de enriquecimento do **tipo II** têm como objetivo auxiliar o aluno através de métodos e habilidades de pesquisa a investigar problemas reais. Estas atividades podem ser realizadas em grupo ou individualmente. Os assuntos de pesquisa partem de uma curiosidade inicial do aluno, de algo interessante que surgiu ou o aluno experienciou no enriquecimento do tipo I. O professor auxiliará o aluno em como fazer e realizar esta pesquisa, favorecendo a autonomia e a criatividade. Representam O COMO. Exemplos de atividades de enriquecimento do tipo II: Treinamento em técnicas de apresentação, de observação, roteiros de trabalho, resumo, técnicas variadas em apresentação de produto, resolução de problemas e conflito, manuseio de recursos audiovisuais e tecnológicos, etc.

E por fim, as do **tipo III**, que o autor considera como sendo o mais adequado para trabalhar com os alunos de AH/SD. Este modelo consiste em uma prática de aprendizagem indutiva, ou seja, o contrário do padrão utilizado na escola, a aprendizagem dedutiva. A aprendizagem dedutiva consiste basicamente em um acúmulo de saberes e conhecimentos que serão utilizados em um determinado momento da vida do sujeito. Já a aprendizagem indutiva trata da investigação, da busca da resolução de um problema, ocorre fora das situações de aprendizagem normal, não há como ter um cronograma ou regras rígidas. Segundo o autor, esta prática de aprendizagem indutiva pode ser integrada à aprendizagem escolar fazendo algumas adaptações, e o mais importante seria haver um equilíbrio entre as duas partes. Este modelo de enriquecimento tem algumas características muito importantes: o aluno como sendo um **aprendiz único** e buscando as formas e os ambientes mais adequados para desenvolver sua aprendizagem; o **prazer** tendo papel fundamental; a **personalização da aprendizagem**; o problema deverá ter sentido, sendo real e atual; os **recursos metodológicos** para a investigação; e o **foco nos produtos e serviços**, ou seja, o que o aluno produziu com este estudo e de que forma este novo conhecimento pode servir ou ser traduzido em um produto ou performance para a comunidade.

Este modelo seria uma forma de fomentar a pesquisa e a busca para soluções de problemas que instigam os alunos com AH/SD. O desenvolvimento destes projetos pode ser coletivo ou individual. Representam O FAZER. Exemplos de atividades do tipo III: investigação de problemas reais, grupos de estudo e pesquisa, desenvolvimento de produtos criativos e originais, etc.

Segundo o Joseph Renzulli (2004), a meta deste modelo é substituir a dependência e a aprendizagem passiva pela independência e a aprendizagem engajada.

As atividades de enriquecimento do tipo I, II, III encorajam a ação produtiva dos alunos uma vez que possibilitam diferentes ações baseadas em interesses e necessidades desenvolvidas por meio de diferentes estratégias, materiais e recursos. Estas atividades podem ser implementadas tanto na sala de aula regular como nas salas de recursos e programas de atendimento ao aluno com altas habilidades/ superdotação. Elas propiciam a participação ativa dos alunos na construção de conhecimentos, produtos e serviços. O professor tem o papel de facilitador e mediador neste processo. (CHAGAS, MAIA-PINTO, PEREIRA, 2007 P.62).

O modelo triádico de enriquecimento é adaptado para a realidade brasileira e, geralmente, ocorre de forma extracurricular em sala de recursos multifuncional ou específica para AH/SD.

4 - ATENDIMENTO A ALUNOS COM AH/SD NA REDE MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

No presente capítulo faço um breve histórico da Educação Especial na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, evidenciando como foi sendo paulatinamente implementada a política pública de atendimento a alunos com necessidades educativas especiais.

Até meados de 1970 o atendimento aos alunos com necessidades educativas especiais era realizado através de convênios.

Esse atendimento era prestado de forma indireta pela Secretaria Municipal de Educação e pela Secretaria Municipal de Saúde e Serviço Social, através de convênios com Associação de Pais Amigos dos Excepcionais e outras entidades assistenciais, a exemplo do que ainda ocorre em outros municípios. (MOSTARDEIRO, 2000, P.7)

Após, foram implantadas as classes especiais nas escolas municipais, iniciando uma política de atendimento nesse tipo de modalidade.

Em 1989, com o início da Administração Popular, as classes especiais foram sendo extintas gradualmente nas escolas.

Paradoxalmente, de 1989 até 1991, começaram a funcionar as quatro escolas de Educação Especial da referida rede de ensino.

Com a desativação das classes especiais, a maior parte dos alunos foi incluída em classes comuns das escolas de ensino fundamental. Cinco anos depois iniciou a implantação das Salas de Integração e Recursos (SIRs) dentro das escolas de Ensino Fundamental.

Em 1997, o município passou a contar com o Programa de Trabalho Educativo (PTE) para inclusão de jovens com deficiência mental no mercado de trabalho.

A partir do ano 2000, foi implantado o Projeto de Estágio de Apoio a Inclusão inicialmente nas escolas de Educação Infantil e hoje estendido até o Ensino Fundamental. Este projeto visa a atuação do estagiário junto ao professor, buscando promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

A partir do ano de 2000 foi implantada a Sala de Integração e Recursos para o atendimento educacional especializado dos alunos com deficiência visual do Ensino Fundamental. Hoje estão em funcionamento 3 SIRs Deficiência Visual. Também, neste ano, foi ampliado o serviço de Educação Precoce e Psicopedagogia Inicial, passando a ser oferecido nas quatro escolas especiais.

Em 2008, foi criada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngüe Salomão Watnick, para alunos surdos.

No ano seguinte (2009), foi implantada a Sala de Integração e Recursos para o atendimento educacional especializado de alunos com Altas Habilidades/Superdotação.

Conforme os dados de 2010, há na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre 3195 alunos com necessidades educativas especiais, o equivalente a 6% do total de alunos matriculados.

A preocupação com o acesso a Educação Especial no município começou em 1970 e desde então os projetos e o número de atendimentos vêm crescendo gradualmente. Hoje, quase todas as escolas de Ensino Fundamental possuem uma Sala de Integração e Recursos, contemplando assim a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no que diz respeito ao atendimento especializado preferencialmente na rede regular de ensino.

A Sala de Integração e Recursos (SIR) para alunos com AH/SD foi implementada em 2009 em uma escola da rede municipal de ensino com localização na zona leste de Porto Alegre próxima a zona sul. Esta localização favorece o atendimento dos alunos que residem nestas áreas além do centro da cidade, ficando desfavorecidos os alunos residentes na zona norte da cidade. Nesta sala trabalha uma professora especializada em atendimento a alunos com AH/SD.

4.1 COMO COMEÇOU O ATENDIMENTO E A IMPLEMENTAÇÃO DA SIR AH/SD

Na busca de mais informações sobre a SIR AH/SD realizei uma entrevista com a professora da sala de recursos que relatou sua trajetória profissional na área das AH/SD e também como ocorreu a implementação da sala no município de Porto Alegre. A referida professora relatou que em 2001 entrou para a Associação Brasileira para Superdotados, assim chamada na época, e realizou em 2002 um curso de capacitação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de 420 horas. Este curso, em parceria com a Secretaria de Educação e Cultura (SEC) era coordenado pelo professor Cláudio Roberto Baptista e o principal objetivo era capacitar professores para trabalhar com alunos com AH/SD em atendimento educacional especializado de todas as coordenadorias regionais de educação do estado do Rio Grande do Sul. Neste mesmo ano, a professora começou a trabalhar na rede municipal de ensino de Porto Alegre, e no ano seguinte, 2003, como assessora da Educação Especial do município. Este trabalho não contemplava só as AH/SD e sim todas as necessidades educativas especiais.

P- Eu tive que ler muito, fazer cursos, pra assessorar as escolas e sempre buscando a questão das AH. Porém, o tempo pra isso ficava muito restrito porque as demandas que vinham das escolas ficavam na área das dificuldades e das deficiências, pouquíssimas nas AH e aí eu fui conversando nas escolas. Mas, também, a gente tem algumas conquistas, no curso “Educação Inclusiva: Direito à Diversidade” a gente conseguiu colocar um módulo das AH. Isso foi sensibilizando os gestores das escolas a ter um olhar pra esse público alvo e me chamavam para alguns casos bem interessantes.

Em 2003 a professora relata que realizou um curso buscando uma formação mais específica para o atendimento e identificação de alunos com AH/SD. Este

curso ocorreu no Centro para o Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET) na cidade Lavras, no estado de Minas Gerais. Este Centro foi fundado em 1992, mantido pela prefeitura municipal e idealizado pela Dra. Zenita C. Guenther. São atendidos alunos com AH/SD, ou “bem dotados e talentosos” nomenclatura utilizada pelo CEDET, da educação básica das escolas públicas do município em turno inverso ao da escola. Neste local os alunos participam de grupos de acordo com seu interesse e têm a possibilidade de desenvolver seus talentos. São oferecidas oficinas, cursos e palestras nas mais diversas áreas do conhecimento e o aluno tem a possibilidade de escolher participar de um desses grupos. O Centro conta com uma equipe multidisciplinar, mas também com voluntários para enriquecer o repertório de alternativas a serem oferecidas aos alunos. Este Centro surgiu da necessidade de atendimento especializado a este grupo de alunos que não conseguem ter as suas potencialidades atendidas no ensino regular e acabam tornando-se invisíveis na escola, caindo na crença errônea de que o aluno capaz toma conta de si mesmo.

A professora relata que em 2009 com o início da implementação das salas multifuncionais, a rede municipal de ensino de Porto Alegre recebeu dez destas salas, sendo que uma foi destinada ao atendimento especializado a alunos com AH/SD. Desde 2009 esta é a única sala a atender alunos com AH/SD na rede municipal de Porto Alegre.

Atualmente a professora faz Mestrado em Educação Especial com ênfase em AH/SD e em todos os cursos de formação de professores oferecidos pela SMED, sempre que possível, ela oferece um módulo sobre as AH/SD.

Em seu relato observo o quanto foi difícil conscientizar o grupo de professores e gestores da rede municipal de ensino sobre a importância do atendimento aos alunos com AH/SD. A professora precisou iniciar trabalhando com a Educação Especial, atendendo especificamente as demandas envolvidas com as deficiências. A dificuldade em incluir alunos e trabalhar com suas limitações acaba sendo mais evidente no meio educacional. Alunos com facilidade em aprender e alto desempenho, na maioria das vezes, tornam-se “esquecidos” em sala de aula ou ocupados auxiliando colegas. Esta é uma questão interessante para refletirmos em termos educacionais, o quanto ainda se busca a homogeneização dos alunos.

E- A legislação atual prevê que cada escola deverá ter uma sala de recursos multifuncional onde o aluno com AH/SD, como sujeito da educação especial, deverá também ser atendido. O município de Porto Alegre vem caminhando em outro sentido tendo uma sala de recursos específica para este atendimento. Como você vê isso?

P- Faz alguns anos, desde 2010, que há um movimento de todas as SIRs junto a SMED solicitando uma SIR para a Zona Norte de Porto Alegre. Assim como há 4 SIRs PTE, uma para cada região, também se pediu uma de AH para cada região da cidade. Talvez numa escola onde um aluno não pudesse se deslocar aí a Sir de AH pode prestar assessoria e ver que tipo de trabalho a colega poderia fazer com ele.

Se for como na proposta do MEC deveriam oferecer formação pra todas as professoras, porque a proposta do MEC é que todos atendam, mas ao mesmo tempo em que o MEC prevê que todos o atendam não dá formação. Na formação pro AEE nestas universidades à distância, na sua maioria, a que fez a formação para Porto Alegre não tinha o módulo das AH. Eu fiz a formação de Porto Alegre, mas nós, as colegas do curso é que nos auxiliávamos. Se esperar a formação do MEC os profissionais não vão receber na área das AH, então não se abre a SIR e ao mesmo tempo não se dá formação na área das AH para se atender na sala.

A professora faz algumas observações sobre a proposta do MEC em relação às salas multifuncionais e a formação de professores. Pesquisando sobre AH/SD observei o quanto é escassa a literatura a respeito desta temática e de como vem sendo pouco discutido nas escolas e espaços de formação de professores. Fica claro no seu relato sobre a formação oferecida pelo MEC, para atendimento educacional especializado no município de Porto Alegre, a dificuldade em oferecer uma formação específica para AH/SD.

4.2 QUEM SÃO OS ALUNOS

Em relação à formação de professores percebo o quanto a mesma se faz necessária e urgente, pois que esses profissionais permanecem mais tempo com os alunos em sala de aula e, possivelmente, poderiam levantar hipóteses e questões referentes às AH/SD. Ou seja, a identificação começa já em sala de aula, por meio da observação do professor. Um professor despreparado e sem conhecimento sobre AH/SD, dificilmente poderá indicar um aluno para avaliação e identificação. Quando questionada sobre como os alunos são encaminhados e de como é realizada a identificação, a professora relatou que a escola encaminha e que as colegas das Salas de Integração e Recursos (SIR), quando ficam sabendo de algum aluno com indicadores de AH/SD, chamam-na para iniciar uma triagem. Ela utiliza fichas

reconhecidas e elaboradas pelo CEDET, e assim é iniciado o processo de identificação.

P- Essa ficha aponta características de alunos com AH. A partir dessa ficha eu converso depois com os professores, com a escola, conheço o aluno e vejo o que tem de consistente ali e traço indicadores de AH. Há alguns casos que são apontados para cá e a gente percebe que são alunos, que não tem diagnóstico, e que tem características de transtornos globais de desenvolvimento. Apontam para um transtorno de Asperger porque tem aquela memorização excepcional, porém têm as questões sociais, questões das execuções de tarefas que apontam para um TGD e aí confunde muito com AH o transtorno de Asperger. E na verdade alunos com AH não são percebidos.

A pessoa com transtorno de Asperger, geralmente apresenta desempenho superior em testes de QI, elevada capacidade de memorização e hiperlexia, ou seja, embora possa ler precocemente, ela não apresenta significado a essa leitura. Ela possui dificuldade nas questões sociais sendo inadaptada e incapaz de se relacionar socialmente (PÉREZ, FREITAS, 2011). Devido a sua capacidade intelectual acima da média e de muitas vezes tender ao isolamento por não ter algo em comum com colegas da mesma idade, o aluno com AH/SD pode ser erroneamente encaminhado para um diagnóstico em transtorno de Asperger. Ou até mesmo, o contrário, um aluno com Asperger pode ser encaminhado para uma avaliação para AH/SD como foi relatado na entrevista.

Atualmente a professora atende onze alunos na SIR AH/SD. Ela atendeu quatro alunos que foram para escola particular porque as famílias estavam descontentes com a escola pública e um aluno que foi desligado do atendimento por não apresentar AH/SD.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o número estimado de pessoas com AH/SD é de 3,5% a 5% da população, porém este percentual é calculado baseado em pessoas que realizaram teste de QI e obtiveram um escore superior a 130 (PÉREZ, FREITAS 2001). Se formos pensar nas concepções de inteligência e superdotação de Gardner e Renzulli, a estimativa ultrapassa os valores da OMS.

A rede municipal de ensino de Porto Alegre tem 46.280 alunos matriculados no ensino fundamental (dados do SIE/RME de 03/2010), distribuídos em 55 escolas. Calculando a mais baixa hipótese em relação à AH/SD, que é 3,5% do total de alunos com matrícula em 2010, obteremos um total de 1.620 alunos com AH/SD, o que é um número bastante significativo. Contando os atendimentos realizados na

SIR AH/SD mais a assessoria prestada a outras SIRs que atendem alunos com AH/SD, o número de atendimentos ainda é totalmente insuficiente para atender esta parcela de alunos.

Onde então estão estes alunos? Invisíveis em sala de aula ou diagnosticados com alguma síndrome de forma equivocada? É importante destacar a urgência em relação ao investimento na formação de professores para identificação e encaminhamento de alunos com indicadores de AH/SD. É fundamental que a rede divulgue o trabalho realizado na SIR AH/SD e o amplie para atender mais alunos.

Todos os alunos atendidos semanalmente na SIR AH/SD são meninos com idade entre 6 e 12 anos. Há alguns alunos no terceiro ciclo e dois alunos no ensino médio que são acompanhados nas escolas através de assessoria aos professores. Questionei porque é tão difícil encaminhar meninas para identificação de AH/SD e a professora relatou duas tentativas de identificação que foram interrompidas pelas famílias.

P- Meninas! Tentamos iniciar um processo de identificação em 2 casos de meninas, mas a família não quer de jeito nenhum, os avós não querem que se dê continuidade a isso. Eu acho que por questões culturais. Muito difícil. A menina foi feita pra ter filhos, casar, ser uma boa esposa (ironia).

Todos os alunos atendidos na SIR AH/SD são do sexo masculino, porém não se deve achar que as AH/SD são mais comuns em meninos. Isso é um mito. O que ocorre é que, por questões culturais, as meninas não são identificadas. Muitas vezes, quando se destacam na escola, são caracterizadas como esforçadas, queridas e caprichosas.

A ausência de modelos femininos bem-sucedidos em áreas de domínio tradicionalmente masculino, a falta de motivação para o sucesso entre mulheres, as maiores dificuldades de identificação (já que elas preferem ocultar seus talentos), o maior índice de baixa auto-estima feminino e a prevalência de incentivos maiores para o desempenho dos homens levam a identificar mais e, conseqüentemente, a buscar mais o atendimento para os indivíduos do sexo masculino. (PÉREZ, 2004, P. 73)

Perguntei quais os tipos de inteligência mais encontrados no atendimento da SIR AH/SD e a professora relatou que tem alunos produtivo criativo que demandam

mais auxílio da escola porque são questionadores e mais agitados, porém são alunos identificados facilmente pelo seu comportamento.

P- A questão do produtivo criativo o que acentua mais é a questão da escola. O currículo formal, ter que ficar sentadinho colorindo os desenhinhos isso pra ele é muito dificultoso. Ter que fazer aquelas tarefas que não brilha o olho pra fazer. Eles gostam muito de pesquisa, jogos, de ação, de atividades práticas, experiências. E são crianças pequenas também.

Há também os do tipo acadêmico, que segundo ela é difícil achar uma área em que eles não sejam bem desenvolvidos. Atualmente, no atendimento da SIR AH/SD estes dois tipos de AH/SD apresentam-se em igual proporção.

A professora da SIR AH/SD trabalha com as concepções teóricas de inteligência de Joseph Renzulli e Howard Gardner. Este último, psicólogo norte-americano e professor da universidade de Harvard, apresentou a Teoria das Inteligências Múltiplas. Ele entende que inteligência seja um potencial biopsicológico para processar informações e dentro de um ambiente cultural solucionar problemas ou criar produtos aceitos culturalmente. (Pérez, 2004, P.35). Joseph Renzulli, norte americano e professor da Universidade de Connecticut, compartilha do entendimento da inteligência como algo multidimensional, havendo vários tipos de inteligência e não apenas um único conceito.

Questionei se alunos com AH/SD são confundidos com crianças com hiperatividade, déficit de atenção ou indisciplinadas. Ela relatou que há muitos casos.

P- Tenho visto propostas muito boas em escolas aqui do nosso município, porém com a questão de ter alunos com dificuldades na mesma turma ficam difícil algumas atividades, fica difícil diferenciar a proposta.

Muitas vezes, o aluno com AH/SD apresenta um comportamento muito ativo, inquieto e curioso, apresentando desinteresse por atividades rotineiras devido à falta de estímulos e desafios a suas necessidades educacionais especiais. Estas características podem suscitar facilmente no professor um encaminhamento para avaliação e diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. A professora relata que já viu muitas propostas interessantes, mas que há dificuldade dos professores em realizarem um trabalho diferenciado em sala de aula devido à heterogeneidade da turma.

4.3 COMO É REALIZADO O TRABALHO NA SIR AH/SD

O trabalho realizado pela professora da SIR AH/SD orienta-se segundo a proposta do teórico Joseph Renzulli sobre o Enriquecimento. Com os alunos menores ela trabalha de uma forma mais lúdica através de jogos e atividades no computador, buscando estimular a criatividade, a iniciativa e as relações entre eles como, por exemplo, saber perder no jogo e aceitar que o outro também sabe. Ela destaca a importância da convivência entre seus pares.

Com os alunos maiores ela busca trabalhar questões de pesquisa, organizando junto com o aluno um projeto individual de acordo com seu interesse. Neste projeto, a pesquisa vai sendo pensada e organizada, as questões vão surgindo e junto a isso as possibilidades de onde buscar as informações. O aluno é constantemente estimulado a buscar fontes para sua pesquisa e utilizar o espaço da escola para isso, como a biblioteca.

P - Eu sempre converso com eles que essa sala existe para que eles estejam muito bem na escola. Então é pra auxiliar o trabalho da escola. Então às vezes eles trazem questões: a eu gostaria de estudar física, mas na minha escola pra minha idade não tem, uma criança de 11 anos. Então o que eu faço, eu digo nem sempre será possível na escola a gente tem limitações também, vamos ver por aqui, eu também não sei ensinar física, então vamos articular com quem possa auxiliar. Então organizei na época uma oficina na área de física com o museu da PUC, com a coordenação pedagógica do museu, e então fomos todos e fizemos a oficina. Tinha alunos que gostavam de desenhar muito então organizamos um curso de manga, quadrinhos e manga, os que quiseram fizeram o curso de manga. Tinham outros que gostavam de Egito, então veio uma mestrandia da área de história da PUC fez uma palestra sobre egiptologia e ela se encantou porque eles a encheram de perguntas, e ela não conseguia falar, ela ia falando e eles iam perguntando. Pra mim, também, foi um aprendizado muito grande porque eu vi que os alunos com AH não tem tanto a necessidade de aceleração como muitas pessoas pensam e fazem. Porque a gente sabe que pelo Brasil aí se faz muita aceleração para as AH. Na verdade o que eles querem, porque ali tinha alunos que foram acelerados, e mesmo assim eles tinham perguntas muito interessantes. É que eles estabelecem relações tão rápidas com aquilo que eles ouvem e vivenciam que na verdade o que eles precisam é de uma diferenciação, um aprofundamento naquilo que está sendo visto porque eles puxam para várias áreas, aquele assunto que está sendo visto, já surgem vários projetos de pesquisa. Então na verdade, é isso... é aprofundar o que está sendo visto.

Neste ponto a professora relata a importância dos alunos expandirem seus interesses e buscarem respostas através de atividades experimentais de pesquisa. A Sala de recursos serve como um suporte para os alunos ampliarem suas

experiências dentro das áreas escolhidas por eles, auxiliando-os a desenvolver potencialidades e criatividade.

A professora narrou que existe uma parceria com o museu da PUC, eles fazem visitação todo semestre e geralmente participam de oficinas previamente organizadas pela coordenação pedagógica do museu, os alunos já estão habituados. É muito comum, depois de uma visita ao museu da PUC, surgirem questões que desencadeiam um projeto de pesquisa.

P- Teve um aluno que quis pesquisar depois de uma visitação ao museu da PUC, as enchentes porque na comunidade dele na Restinga aconteciam muitos alagamentos, então ele foi pra questão das enchentes, porque acontece, por causa do lixo, dos bueiros, etc. Pesquisou na área de ciências. Durante a pesquisa surgem termos, surgem questões que chamam atenção, e aí claro eles querem pesquisar tudo então a gente faz primeiro o organizador de pesquisa pra não viajar muito pra manter o foco e ir até o final. Então nessa pesquisa dele surgiu a enchente de 41, depois da pesquisa de Ciências fomos pra enchente de 1941 aí foi pra questão de história. Aí pesquisamos a história de Porto Alegre a enchente de 41 e fez outra pesquisa. Aí ele viu que a partir da enchente de 41 construíram o muro da Mauá. Aí em uma visitação ao Santander Cultural ele viu um vídeo da história de Porto Alegre e passou a enchente de 41 e ele estava enlouquecido. Depois a escola foi visitar a Feira do livro e ele se deparou com os muros da Mauá porque ele não conhecia o centro de Porto Alegre. Então foi muito interessante isso, e depois da pesquisa tem o final, aí tem o que vou fazer a partir disso porque o conhecimento, eu trabalho com eles também, tem que servir pra alguma coisa. Geralmente eles querem mostrar para os colegas, para as mães, pra comunidade.

A professora descreve que trabalha muito com os alunos a questão do que fazer com o conhecimento adquirido, pois ele deve servir para as pessoas mudarem a realidade para melhor. Geralmente, os alunos montam uma apresentação em Power Point sistematizando tudo que aprenderam, leram, vivenciaram e o que consideram importantes mostrar para os colegas.

Além deste projeto de pesquisa individual, é promovido também um projeto coletivo onde todos participam contribuindo com uma parte de acordo com sua área de interesse e afinidade.

P- Teve um projeto que um aluno tava preocupado com as planfetes nas esquinas, ele queria fazer uma lei pra terminar com isso. Fizemos uma reunião com todos e perguntei o que eles achavam de ser o projeto de todos, e o que cada um faria, aí tem um que não gosta muito de pesquisar, mas é ótimo no computador e então criou um blog “Porto Alegre cidade limpa”, este ia fazendo a organização do blog ia postando e os outros iam pesquisando. Tem um que ama dança, gosta muito de música e o interesse dele foi nessa área, aí ele dizia o que vou pesquisar? Então conversando com ele, ele me disse que assistia uma novela chamada Quase Deuses e tinha uma dança, pesquisando ele viu que

tinha uma letra de música desta novela que falava da questão ambiental e então ele pode dar a sua contribuição dentro da sua área para a pesquisa coletiva.

Perguntei à professora como ela descobria o interesse do aluno por um determinado tema. Ela contou que conversa muito com eles e com a escola do aluno. E que muitas vezes eles chegam dizendo que gostam de determinadas coisas e quando se deparam com a atividade em si perdem o desejo. Então, segundo ela, em cada atividade realizada, faz um relato de como o aluno a realizou se demonstrou interesse e gosto por aquilo. A partir destas observações é planejada a próxima atividade.

P- Às vezes a gente planeja, acha que aquilo vai ser e de repente a gente muda o rumo e vai dando outra cara pro trabalho. E às vezes tu achas que o negócio vai ser mais pra verificar se aquela área realmente confere, e tu propões uma atividade e quando vê surge um trabalho maravilhoso. E nisso vou te dizer eles fazem um negócio melhor do que poderia ser, eles vão criando, na verdade, eles vão fazendo o trabalho, claro que a gente sempre propõe, mas a gente tem que ter muita flexibilidade.

Neste ponto, a professora demonstrou duas características muito importantes para o atendimento ao aluno com AH/SD: observação e flexibilidade. É necessário conhecer este aluno com que se está trabalhando, observar suas preferências, habilidades, desejos, como se relaciona. Buscar informações sobre ele junto à família e à escola. Depois propor um trabalho e aceitar que ele possa rumar para outro caminho, ou então procurar por outra proposta que atenda as necessidades do aluno em questão.

Questionei sobre como funciona o trabalho na escola com estes alunos atendidos na SIR AH/SD, se é realizado um trabalho em conjunto com os professores, algum tipo de adaptação curricular. Ela descreveu que é realizada muita orientação aos professores, que geralmente a professora da SIR da escola marca reunião com os professores e ela conversa, buscando alternativas do que pode ser feito ou modificado. Em algumas escolas já foram realizadas formações para todos os professores.

Ela disse que geralmente orienta os professores a propor algo para além daquilo que está sendo trabalhado, mas não em termos de tarefas. Atividades que eles possam buscar em livros e ir aprofundando. Segundo ela, os professores acreditam que devam encher os alunos de tarefas por eles acabarem logo as

atividades, o que é um erro. O aluno com AH/SD não deve ser sobrecarregado e sim, estimulado a aprofundar o que se está aprendendo. Ela orienta que pode ser oferecida a monitoria a alguns alunos que demonstrarem gosto em auxiliar os colegas, mas de forma moderada e não com tanta frequência para não gerar um tédio.

P - Eles não gostam de ficar só no que é dado. Eles, geralmente, têm uma pergunta que pode gerar uma pesquisa. Um exemplo é um menino que a professora estava trabalhando o Renascimento e ele queria saber por que Galileu Galilei foi perseguido. Então é algum ponto daquilo que está sendo trabalhado que gera a curiosidade neles e poder sim dar esse suporte essa orientação. Eu tenho o caso de um aluno que foi pra escola particular extremamente com questões filosóficas. Na sala de aula ele levava essas questões, queria conversar sobre o tudo e o nada, o tudo pode ser o nada e o nada pode ser o tudo. Claro que os colegas achavam que ele era louco e a professora não sabia o que fazer em relação a isso. Quando eles levam estas questões deles para a sala de aula que não têm a ver com o que está sendo trabalhado naquela faixa etária, porque não são temas que geram curiosidade para aquela faixa etária, geralmente são para alunos maiores. Então que pelo menos não se desconsidere, porque aí eles ficam sempre como os estranhos, como os que não têm nada a ver, então isso causa problemas de auto-estima. Então tudo que eles levam, falam, perguntam não é considerado. Principalmente quando eles se envolvem em questões filosóficas.

A professora também relatou a importância de considerar as questões que o aluno traz para a escola. De não tratá-lo com indiferença. Segundo ela, quando os alunos chegam para o atendimento na SIR AH/SD eles estão com auto-estima muito baixa, achando-se estranhos e muito diferentes. Ela busca auxílio de profissionais da área de arte-terapia para realizar um trabalho de sensibilização com os alunos, procurando que eles se aceitem como diferentes e de que eles podem ser eles mesmos.

Nas falas da professora evidencia-se questões relativas ao interesse dos alunos em aprofundar seus conhecimentos e de como este espaço é importante para eles. Estes alunos chegam, na maioria das vezes, muito ansiosos, com sentimentos de inferioridade e baixa auto-estima. Encontram na SIR AH/SD uma receptividade quanto as suas necessidades de desenvolvimento, as quais sentem deslocadas no ambiente de sala de aula convencional. O trabalho nesta sala é desenvolvido de maneira peculiar para cada aluno, pois suas diferenças são respeitadas e seus interesses potencializados.

Para que este atendimento não seja um ato isolado, deve haver um conjunto de ações voltado ao desenvolvimento contínuo deste aluno, pois o mesmo não deixa

de ter AH/SD quando retorna a sala de aula ou ocupa outros espaços. O que requer uma avaliação do processo, desde as discussões sobre as AH/SD até a implementação de uma sala de recursos específica para AH/SD, dentro da rede municipal de Porto Alegre, a fim de qualificar ainda mais o atendimento a este aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de realizar uma pesquisa passa por um longo caminho desde a escolha do tema, busca da bibliografia, fontes de pesquisa e da elaboração da escrita. Chego ao final deste trabalho buscando apresentar as percepções, ideias e conceitos que obtive neste percurso.

Após toda essa caminhada, julgo importante e possível fazer algumas afirmações acerca do atendimento educacional especializado realizado na SIR AH/SD da rede municipal de ensino de Porto Alegre.

Observo que, apesar dos esforços da professora da SIR AH/SD em fornecer formação sempre que possível pela SMED, esta sala ainda é um local pouco conhecido por muitos profissionais da educação deste município. Muitas vezes, os professores possuem apenas ideias que fazem parte do senso comum sobre AH/SD ou pouca informação sobre o assunto, dificultando assim, o encaminhamento para um processo de identificação, uma vez que esses alunos podem apresentar diferentes perfis e não uma forma única de ser, o que dificulta uma possível identificação. O aluno quando não identificado pode ser prejudicado de maneira significativa em sua vida escolar, pois deixa de ter suas necessidades educacionais atendidas.

As AH/SD, por se tratar de uma área pouco estudada no meio educacional, gera confusões e mitos. O aluno com AH/SD frequentemente é encaminhado a profissionais da saúde com pareceres equivocados quanto às suas potencialidades. Ele é visto como diferente, estranho, hiperativo ou bagunceiro. Ou, muitas vezes, sua presença é negligenciada.

A temática da educação inclusiva não deve ser localizada no aluno “diferente”, que precisa ser recebido e integrado, mas na capacidade de considerar, acolher e celebrar a “diferença” como sinal de igualdade humana. Dificuldades nas inter-relações pessoais não deveriam ser resolvidas em termos verticais de compreensão, solidariedade e bondade, mas horizontalmente pelo genuíno respeito e aceitação de cada pessoa como ela é. A criança dotada não tem que ser recebida na escola, porque ela já está ali, e sempre esteve, porém está **invisível**, e as forças presentes tanto na hierarquia imposta, como no grupo de pares, parecem se unir para minimizar a diferença e torna-la mais aceitável aos iguais. (GUENTHER, 2006, p.40)

Outro ponto que destaque são os poucos alunos atendidos pela SIR AH/SD. Como descrevi no decorrer do trabalho a incidência populacional é de 3 a 5% da população com AH/SD em estudos da OMS. Isto reflete a falta de encaminhamento de alunos para avaliação e atendimento, mas também, e principalmente, a necessidade de ampliação do número de salas de recursos com atendimento especializado para este tipo de aluno, já que uma é insuficiente para atender a toda uma demanda das 55 escolas de ensino fundamental existentes na rede municipal.

Outro fato intrigante é que atualmente não há meninas sendo atendidas na SIR AH/SD. Apenas duas foram encaminhadas para uma possível identificação desde a implementação da sala em 2009. Essa situação evidencia a urgência em rompermos com padrões estereotipados de comportamento e buscarmos a efetiva identificação destas meninas.

Depois de encaminhado para identificação e atendimento especializado, o aluno com AH/SD volta para escola e há a necessidade de um trabalho diferenciado por parte dos professores da sala de aula, que devem buscar alternativas para desenvolver e estimular este aluno a aprofundar seu conhecimento. Esta orientação deve ser buscada pelo professor junto ao profissional da sala de recursos.

O trabalho pedagógico realizado pela professora é embasado na teoria do Enriquecimento proposta pelo autor Joseph Renzulli. Ele é realizado de forma suplementar e busca atender as necessidades do aluno com AH/SD e desenvolver potencialidades, assim como estimular a criatividade e a experimentação por meio da pesquisa. É um trabalho muito rico, que envolve planejamento e busca de conhecimento sobre o educando para obter resultados significativos.

É possível visualizar um grande potencial nesta SIR AH/SD, já que os alunos são estimulados a criar, discutir, construir e aprofundar seus conhecimentos sobre o mundo. Algo que na escola regular, muitas vezes, não é proporcionado devido à falta de tempo e currículos estruturados com conteúdos fechados, desfavorecendo o desenvolvimento destes alunos.

A importância do trabalho para alunos com AH/SD pode ser constatada no interesse dos mesmos em realizar as pesquisas e atividades complementares proporcionadas na SIR AH/SD, na valorização do seu potencial e no respeito a sua identidade. Acredito que as práticas voltadas para alunos com AH/SD precisam ser amplamente discutidas e conhecidas no meio educacional, no intuito de buscar

parcerias e recursos, como as parcerias que podem ser estabelecidas entre os professores que trabalham com estes alunos em aula e os profissionais da sala de recursos, além de outros segmentos da sociedade, como por exemplo: pais, universidades, centros comunitários, empresas, entre outros.

Por fim, minha motivação inicial me levou a pesquisar mais sobre uma realidade que não conhecia, as AH/SD. Por meio deste trabalho pude refletir sobre a trajetória que venho desenvolvendo como professora e sobre a possibilidade de já ter me deparado com alunos que apresentavam indicadores de AH/SD, mas que naquele momento não estava preparada para auxiliá-los. Desejo que este estudo possa colaborar no sentido de fornecer subsídios no trabalho do professor em sala de aula, a fim de esclarecer conceitos envolvidos no processo de identificação do aluno com AH/SD e apurar o olhar para questões de gênero, classe social, medicalização e diagnóstico precoce de patologias neurológicas, além dos mitos que cercam estes alunos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Criatividade e educação de superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE APOIO ÀS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO **Altas Habilidades/Superdotação: Manual de Orientações para Pais e Professores**. Porto Alegre: AGAAHSD-RS, 2000. Disponível em: <http://www.agaahsd.com.br/>

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação, Parecer 17 do Conselho Nacional de Educação. **Diário oficial da União**. Brasília, DF, 17 agos. 2001. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf> Acesso em: 30 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF, 2008

CHAGAS, Jane Farias; MAIA-PINTO, Renata Rodrigues; PEREIRA, Vera Lúcia Palmeira. Modelo de Enriquecimento Escolar. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 2: atividades de estimulação de alunos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. P. 55-79.

FREITAS, Soraia Napoleão e PÉREZ, Susana Graciela Pérez B. **Altas habilidades/superdotação atendimento especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

GUENTHER, Zenita C. **Capacidade e talento – Um programa para a Escola**. São Paulo: EPU, 2006

MOSTARDEIRO, Guacira Cardoso. **Historicizando a educação especial na SMED**. In. Revista cadernos pedagógicos n. 20. Porto Alegre, SMED, jan. 2000, p.7-12.

PÉREZ, Susana Graciela Barrera. **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 306 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PUCRS, 2004.

RODRIGUES, Cinthia. **Como atender alunos com altas habilidades**. Nova Escola, São Paulo, Edição 224, agost. 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/altas-habilidades-489225>.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

MORi, Nerli Nonato Ribeiro e BRANDÃO, Sílvia Helena Altoé. **O Atendimento em salas de recursos para alunos com altas habilidades/superdotação: o caso do Paraná**. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, V15, n.3, 2009. P.485-498.

RENZULLI, Joseph S. **O que é esta coisa chamada superdotação e como desenvolvemos? Retrospectiva de vinte e cinco anos**. Revista Educação, Porto Alegre, ano 27 n. 1, p. 75-134, jan./abr.2004.

<http://www.aspat.ufla.br/CEDET.htm>

<http://sraltashabilidades.blogspot.com/>

<http://www.agaahsd.com.br/>

<http://www.altashabilidades.com.br/>

<http://www.ldanaahs.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>